



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA



EVASÃO ESCOLAR: O QUE DIZEM OS EX-ALUNOS DA EJA DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE GARANHUNS/PE

Josemário Barros Silva¹

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria José Gomes Cavalcante²

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as principais causas que levaram jovens e adultos a evadirem da Educação de Jovens e adultos da Escola situada na vila de Miracica-Garanhuns PE, sendo uma delas a Falta de incentivo depois de algumas tentativas de retorno à escola. Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa e de campo, que teve seis participantes, ex-alunos da EJA de uma mesma instituição escolar do município de Garanhuns/PE. Realizamos com estes uma entrevista semiestruturada, individual. Para fundamentar nossa discussão, dialogamos com alguns teóricos: Haddad & Di Pierro (2000), Arroyo (2005), Oliveira (1999), Perronoud (1999), Cavalcante (2017), dentre outros. Os resultados comprovaram que os ex-alunos tiveram acesso à escola, quando criança, mas por causa do trabalho, doenças de seus familiares, mudança de local de residência foram levados a abandonar os estudos. Como ex-alunos da EJA, hoje, as causas da desistência são outras. Elas estão relacionadas às responsabilidades da vida adulta, como filhos, trabalho e o cansaço advindo do mesmo, ou seja, a dificuldade em conciliar o trabalho e estudo.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos, sujeitos da EJA, causas da evasão.

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia UFRPE/UAG

² Professora da UFRPE/UAG. Doutora em Educação.

1 INTRODUÇÃO

A iniciativa de realizar uma investigação na Educação de Jovens e Adultos (EJA) nasceu pela nossa curiosidade em saber as razões de tão poucas escolas oferecerem essa modalidade de ensino no município de Garanhuns e bem como as razões de ver tantos alunos não chegarem a concluir nem mesmo a segunda Fase da EJA.

A partir desta curiosidade, veio a motivação para a realização de trabalhos acadêmicos com o tema evasão na EJA desde o início da graduação. Começamos a buscar conhecimentos e realizar trabalhos relacionados em várias disciplinas do curso e isto fez crescer nossa motivação e inquietação para a realização desta pesquisa.

A evasão escolar é concretizada quando o aluno deixa de frequentar às aulas no decorrer do ano letivo. Na Educação de Jovens e Adultos a evasão tem tomado, historicamente, grandes proporções. Os índices altos de desistências são um grande desafio que se tem posto diante da escola, tendo como causa tantos fatores internos à escola, como externos.

De acordo com a Secretaria de Educação do Município de Garanhuns, a evasão na EJA ultrapassa 40%, a partir dos dados levantados da matrícula de 2018. Especificamente na Fase II, esses índices ainda são maiores chegando à marca de 60% de alunos evadidos. Ainda, segundo os dados da Secretaria de Educação, o índice de analfabetismo, entre a população acima dos 15 anos no município, é de aproximadamente 16%, por isso a preocupação para a realização de ações e pesquisas que tenham como campo de estudo a EJA.

A escola que trabalha com essa modalidade da educação básica atende a pessoas que não tiveram acesso à educação regular ou que foram excluídas antes da conclusão dos estudos ou mesmo de se apropriarem da escrita e da leitura.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) atual, Lei 9.394/1996, de 20 de Dezembro de 1996. A EJA é uma modalidade de ensino, que visa oportunizar a formação escolar para aqueles que não tiveram acesso ou não puderam concluir o ensino fundamental na idade apropriada, bem como os sistemas escolares devem oferecer oportunidades educacionais apropriadas a este público, ou seja, considerando suas especificidades.

Diante do contexto apresentado, elaboramos as seguintes questões problematizadoras: quais causas das desistências dos ex-alunos da EJA? Quais os motivos das tentativas de retorno? Qual a relação que os ex-alunos mantiveram com a escola local, quando estavam estudando? Quais as ações implementadas pela escola local a fim de evitar a evasão destes ex-alunos?

O Objetivo geral dessa pesquisa foi de **investigar as principais causas que levaram jovens e adultos a evadirem da EJA, depois de algumas tentativas de retorno à escola.** Partindo deste, tivemos como objetivos específicos: elaborar o perfil do aluno desistente da EJA; identificar as causas de evasão dos ex-alunos da escola ainda na fase regular, quando criança; identificar as causas das desistências dos ex-alunos na EJA; e verificar se a escola contribuiu (ou não) para evitar a evasão dos ex-alunos já na referida modalidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico vamos dialogar com alguns teóricos que deram suporte a este estudo. Iniciamos, apresentando um breve histórico da educação de jovens e adultos no Brasil, seguido de uma discussão sobre quem são os estudantes da EJA e sobre o fenômeno da evasão na referida modalidade de ensino da Educação Básica.

2.1 UM BREVE HISTÓRICO

A educação para adultos começou na época do Brasil Colônia com a catequização dos indígenas, mas foi precisamente em 1920, com o movimento dos educadores e da população que reivindicava a ampliação do número de escolas e da melhoria da sua qualidade, que se começou a estabelecer condições favoráveis à implementação, de políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos.

A partir de 1930, a educação básica começou delimitar seu lugar na história do país, começou a se consolidar um sistema público elementar. Em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito ampliado também para pessoas adultas. Esse foi de fato o primeiro plano na história da educação brasileira que previa um

tratamento específico para a educação de jovens e adultos (HADDAD & DI PIERRO, 2000)

Com o fim da ditadura Vargas e o recente fim da Segunda Guerra Mundial (1945), o país vivia o fervor da política de redemocratização, a educação de jovens e adultos volta à lista de prioridades do país. Assim, em 1947, foi implementada a primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). Essa campanha tinha como objetivo estimular a criação de programas nacionais de educação para Adolescentes e Adultos. Neste período, as aulas para os adultos aconteciam à noite, com professores voluntários, utilizando recursos apropriados ao ensino de crianças (GALVÃO & DI PIERRO, 2004).

O final da década de 50 e no início da década de 60, foram marcadas por uma intensa mobilização da sociedade civil em torno das reformas de base e também uma grande mobilização social em torno da educação de adultos. O país passava por significativas transformações sociais, políticas e econômicas. Especificamente na educação de adultos vários movimentos de cultura e educação popular foram criados nesse período: Movimento de Educação de Base, Movimento de Cultura Popular do Recife, Centros Populares de Cultura, Campanha de Pé no Chão Também Se Aprende a Ler. "Não há razão para se envergonhar por desconhecer algo, testemunhar a abertura dos outros, a disponibilidade curiosa a vida, a seus desafios, são saberes necessários á pratica educativa"(FREIRE,1999,p.153). Esses movimentos tinham por base a pedagogia Freiriana, por isso "tinham como objetivo promover a conscientização do povo, para que este pudesse atuar transformando sua realidade." (JEZINE, 2003, p.157 APUD CUNHA E GÓES, 1985, p.30)

Do militarismo a nova república, a educação de jovens e adultos passou por momentos cruciais e momentos de obscuridade. Com o militarismo, os movimentos de cultura e educação popular foram drasticamente interrompidos com apreensão de todos os materiais. O governo militar só permitindo a realização de programas de alfabetização de adultos assistencialistas e conservadores e criou, em 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL (HADDAD & DI PIERRO,2000)

A partir da redemocratização política em 1985 e a promulgação da nova Constituição de 1988, prevê-se que todas as pessoas tenham acesso à educação. Em 1996, a Educação de Jovens e Adultos passa a ser considerada como modalidade da Educação básica a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº9394/96). Segundo o artigo 37 desta Lei: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”, ou seja, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) está direcionada para um sujeito com especificidades diferente da criança, do adolescente que é aluno do ensino regular. É, pois, neste sentido que damos continuidade a discussão abordando sobre o público desta modalidade.

2.2 ESTUDANTES DA EJA: QUEM SÃO?

Os alunos da EJA são indivíduos que trazem consigo uma história de vida marcada por lutas e desafios, na qual o trabalho tem papel fundamental, uma vez que, por serem oriundos de famílias desfavorecidas economicamente, em sua maioria, enxergam o trabalho como um aliado na melhoria de vida e por isso, são motivados a frequentar a instituição escolar em busca de novas oportunidades.

São pessoas que possuem conceitos culturais e valores éticos construídos a partir de sua experiência de vida, que construíram uma visão/concepção de mundo baseada principalmente em suas próprias vivências. Como descreve Cavalcante (2017, p.39), o público da EJA é grupo muito heterogêneo, são “negros, jovens, idosos, trabalhadores, não-trabalhadores, homens e mulheres, que vivem na cidade ou no campo, (...), com uma “bagagem”, um saber próprio elaborado a partir dos mecanismos de sobrevivência, de suas experiências sociais vividas em múltiplos espaços(...)”.

Apesar de toda essa experiência social construída, uma grande parte desses sujeitos são estigmatizados pela sociedade em função de sua condição de analfabeto, sentem-se envergonhados de voltar à escola na fase adulta, porque se sentem inferiores e muitas vezes incapazes de concluir seus estudos por se acharem velhos e ultrapassados demais e até mesmo incapacitados para aprender.

Os sujeitos que frequentam a EJA enxergam o momento de voltar à escola como uma quebra de exclusão e a sociedade brasileira tem reconhecido cada vez mais que a educação é um direito de todos. Esse reconhecimento se tornou Lei. Nessa perspectiva destacamos a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), Capítulo II, Artigo 6º, que ao tratar da educação considera que: “são direitos sociais, a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção a maternidade e a infância, a assistência social aos desamparados, na forma desta Constituição”. De acordo com o artigo apresentado, a educação se constitui um direito social e, portanto, direito de todo cidadão, inclusive de jovens e adultos que foram excluídos do sistema escolar e hoje buscam por meio da educação melhoria para sua condição social.

Neste sentido, se faz necessário que a escola pense a sua ação educativa junto a esses alunos jovens/adultos, tratando-os de forma a corresponder as suas expectativas reais. Para Arroyo (2007), a EJA tem que ser uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com configurações concretas.

Discutindo sobre as especificidades do público da EJA, Oliveira (1999) destaca: a condição de não criança, a condição de excluído da escola e a condição de membro de um determinado grupo social. Ela discute que mesmo estando no início de sua escolarização esses estudantes não podem ser tratados como crianças, ou seja, infantilizados; que trazem consigo a marca da exclusão, pois, de forma geral, já foram “excluídos” da escola, no momento em que não puderam dar continuidade ou mesmo ingressar nesta instituição quando criança, ou ainda hoje, na juventude ou na fase adulta; e, são pessoas que tem concepções e experiências construídas em seu contexto cultural, conhecimento este que não pode ser desvalorizado na escola, mas que deve ser considerado na construção do conhecimento escolar.

Por isso pensar uma escola para esse sujeito, como alguém que não teve acesso ou já foi excluído do ensino regular, requer uma maior atenção, tendo em vista que busca (novamente) esta instituição para adquirir novos conhecimentos, que lhes possibilite a concretização de um sonho: o de terminar seus estudos.

2.3 EVASÃO NA EJA

De acordo com Campos (2003), evasão escolar é o abandono da escola antes da conclusão de uma série ou determinado nível em uma modalidade de ensino, seja na educação regular ou na EJA. Esse abandono pode ser por tempo determinado tornando-se um grande problema para educação brasileira.

Para Oliveira (2012) os motivos para a evasão na EJA podem ser ilustrados a partir do momento em que o aluno deixa a escola para trabalhar, quando as condições de acesso à escola são precárias, quando os horários de aula são incompatíveis com as responsabilidades assumidas pelo estudante. Evadem da escola por uma série de fatores econômicos e sociais, externos e internos à escola.

A realidade na EJA tem sido que muitos jovens e adultos realizam a sua matrícula, frequentam as aulas por um determinado tempo e acabam desistindo. Como explicado por Oliveira (1999).

Os altos índices de evasão e repetência nos programas de educação de jovens e adultos indicam falta de sintonia entre a escola e o aluno que dela se servem, embora não possamos desconsiderar os fatores de ordem socioeconômica [...]. (p.62)

Neste sentido, a escola para jovens e adultos deve ser um espaço de ressocialização, por meio de conteúdos trabalhados, levando em consideração seus conhecimentos prévios bem como sua experiência de vida. Cabe à esta instituição, no seu cumprimento do seu papel histórico e social, resgatar esses conhecimentos e proporcionar a esses sujeitos uma educação que atenda suas expectativas e necessidades, como afirma Ireland (2009, p.22).

Falta pensar a EJA nas demandas de aprendizagem desses sujeitos específicos. É importante conhecer que a maioria dos estudantes que procuram concluir a educação formal, também carecem de qualificação profissional, e por isso, deve-se articular a formação deles com a educação continuada.

Segundo Vasconcelos (2004), a EJA em sua estrutura carece de flexibilidade, pois exigindo horários, frequências, avaliações, acaba por exigir uma dedicação que, às vezes, o aluno não consegue ter, em função da sua estrutura de vida. Partindo desse raciocínio, o autor coloca também outros fatores, como: mudanças de turno de trabalho, doenças em familiares, problemas conjugais, dificuldades de aprendizagem, deficiências no transporte para deslocamento escolar, entre outros, tudo isso provoca a evasão na EJA. Diante deste quadro, vemos a necessidade de uma maior flexibilidade e adaptação no que diz respeito ao calendário e horários da escola, visando atender as possibilidades e realidades dos alunos da EJA, bem como a necessidade de uma formação específica para os professores desta modalidade que lhes oportunizasse compreender melhor este alunado e a forma peculiar de aprender.

3 METODOLOGIA

A pesquisa que realizamos foi de caráter qualitativo e a sua escolha se deu em virtude, também, dos objetivos do estudo. Em relação a este tipo de pesquisa, Richadson (1999) afirma que uma metodologia qualitativa pode descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais.

Optamos, também, em realizar uma pesquisa de campo, que segundo André (2008, p. 68), “(...) se caracteriza por ser um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visa a interação do pesquisador com o contexto estudado e em campo, possibilitando identificar o objetivo proposto”. E, ainda, afirma André (2009), que a pesquisa de campo é caracterizada pelas investigações que vão além da pesquisa bibliográfica ou documental, nela se realiza coleta de dados junto aos envolvidos e no ambiente a ser pesquisado.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização da coleta de dados, dentre os diferentes instrumentos, optamos pela entrevista semiestruturada, pois segundo Manzini (2003), ela tem como característica questionamentos básicos que são apoiados

em teorias e hipótese que se relacionam com o tema da pesquisa. “A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais complementadas por outras questões inerentes as circunstâncias vindas a entrevista” (MANZINI, 1987 p. 152).

As entrevistas foram realizadas com os seis ex-alunos, individualmente, em abril de 2019 e utilizamos para os participantes nomes fictícios. Elaboramos previamente e utilizamos um roteiro de entrevista sobre os seguintes aspectos: histórico escolar na infância; motivos de retorno à escola, causas das desistências na EJA; relação do ex-aluno com a escola local.

3.4. O CAMPO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para participantes desta pesquisa, selecionamos ex-alunos da EJA - II Fase - em uma escola do município de Garanhuns, localizada na Vila de Miracica.

A escolha da escola se deu no segundo semestre de 2018, mediante a indicação da Coordenação Geral da Secretaria de Educação Municipal, por ser a instituição com maior número de alunos concluintes na EJA, mas também com maior índice de evasão do município.

Na escola, em contato com o gestor, ele nos indicou a Fase II para realização da pesquisa, por se tratar da turma com maior índice de evasão.

Dos 23 alunos matriculados na Fase II (2018), nove alunos desistiram. Destes, selecionamos seis para participantes, onde a própria Escola nos deu o endereço e fomos até a residência desses ex-alunos para concretizar a entrevista. E, como critérios, tivemos (1) a disponibilidade do ex-aluno para participar da pesquisa (2) ex-alunos com maior número de desistência na EJA.

Os participantes tinham entre 18 e 53 anos, exerciam diferentes profissões, residentes do sítio ou da vila, onde está localizada a escola.

3.5 PLANO DE ANÁLISE DE DADOS.

Analisamos os dados coletados nas entrevistas, onde gravamos e fizemos algumas anotações, tudo isso dentro dos padrões de anonimatos e com o acordo dos participantes, tomando como referencial a análise de conteúdo

temática proposta por Bardin (1977). Na pré-análise, realizamos a leitura das transcrições das entrevistas, depois organizamos as categorias e analisamos as falas dos participantes à luz dos aportes teóricos.

4. ANALISE DE DADOS

Neste tópico, apresentamos e analisamos os dados coletados nas entrevistas, tomando por referência os aportes teóricos. Apresentamos, inicialmente, a caracterização dos ex-alunos e depois três categorias de análise.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS EX-ALUNOS DA EJA

Os alunos da EJA, em sua grande maioria, tiveram uma curta passagem pela escola na infância, abandonaram precocemente à escola em função da necessidade de trabalhar com e para o sustento da família e possuem condições sócio-econômica baixa (OLIVEIRA, 1999).

Nesta perspectiva, a função social que a EJA se propõe é a de preparar jovens e adultos, através de oportunidades educacionais apropriadas, que consideram os interesses, as condições de vida e de trabalho do alunado, para possibilitar a estes estudantes a aquisição de conhecimentos e habilidades necessários ao exercício da cidadania, acesso ao mundo do trabalho e participação crítica na vida política, uma vez que tais direitos lhe foram negados na infância e na adolescência.

Os estudantes ao voltarem para a sala de aula, de forma geral, tem um grande objetivo: “ser alguém na vida” (como eles mesmos afirmam), pois muitas vezes não ter o domínio da leitura e da escrita numa sociedade grafocêntrica, ou seja, centrada na escrita, e provocam um sentimento de inferioridade em relação aos outros. Por isso, esses sujeitos ao buscarem uma solução para essa problemática, retornam à escola com muitas expectativas, porém, mesmo assim, não permanecem nela.

Esses sujeitos que integram essa modalidade são indivíduos constituídos de experiências, pensamentos, desejos e principalmente de uma consciência cidadã, pois já são cidadãos que exercem direitos e deveres sociais. E que precisam apenas de uma oportunidade para regressar e concluir seus estudos, e ao voltarem para sala de aula são sujeitos que

trazem em sua bagagem, muita experiência e uma experiência de vida que precisa ser muito bem aproveitada no seu processo de Ensino Aprendizagem.

Neste estudo, como já apresentado, investigamos os motivos da desistência dos alunos da modalidade EJA. Assim, buscando atingir o objetivo geral desta pesquisa, inicialmente, traçamos o perfil dos seis ex-alunos, que está apresentado no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Caracterização dos ex-alunos da EJA

Nomes	Idade	Estado Civil	Profissão	Filhos	Local onde mora
Souza	<i>53</i>	<i>Casado</i>	<i>Pedreiro</i>	<i>04</i>	<i>Sítio Baixa da Telha.</i>
Rosinha	<i>33</i>	<i>Casada</i>	<i>Do lar</i>	<i>02</i>	<i>Vila Miracica</i>
Cassia	<i>22</i>	<i>Casada</i>	<i>Desempregada</i>	<i>02</i>	<i>Vila. Miracica</i>
Paulo	<i>18</i>	<i>Solteiro</i>	<i>Estudante</i>	<i>Não</i>	<i>Sítio Olho D'água</i>
Rosendo	<i>41</i>	<i>Casado</i>	<i>Pedreiro/Agricultor</i>	<i>Não</i>	<i>Vila. Miracica</i>
Maria	<i>30</i>	<i>casada</i>	<i>Servente</i>	<i>01</i>	<i>Vila. Miracica</i>

Podemos observar no Quadro 1, em relação ao gênero, que os participantes são três homens e três mulheres, tendo idade entre 18 anos e 53 anos. Com exceção do mais jovem que ainda não trabalha, os demais participantes são trabalhadores, que exercem diferentes profissões: um pedreiro, outro servente e um agricultor, uma dona de casa e uma das participantes estava desempregada, quando entrevistada.

Dos participantes apenas Paulo (com 18 anos) é solteiro e não tem filhos, os outros são casados. Dentre os casados, quatro afirmaram ter entre 1 a 4 filhos, apenas, e um participante não tem filhos. Quatro residem na Vila de Miracica e dois moram na zona rural, no Sítio Olho D'água e Sítio Baixa da

Telha todos os sítios fazem parte do município de Garanhuns. Constatamos, assim, que a maioria dos ex-alunos, residem próximo da escola que estudavam.

Com base na caracterização apresentada podemos verificar que o aluno desistente da EJA é um sujeito adulto que, em sua maioria tem uma família constituída, exerce trabalhos pesados que requer muito empenho e esforço físico para realiza-los e assim sustentarem seus filhos. São pais, trabalhadores, pessoas que estão em uma fase da vida com grandes responsabilidades assumidas.

Dando continuidade à análise de dados, apresentaremos 3 categorias de análise: (1) Histórico escolar na infância, (2) Causas das desistências na EJA, (3) Relação do ex-aluno com a escola local.

4.2 HISTÓRICO ESCOLAR NA INFÂNCIA

Nesta categoria apresentamos os relatos dos participantes sobre sua infância e seu histórico escolar. Buscamos, ao traçar este breve histórico com cada participante, compreender um pouco de sua trajetória escolar na infância e os motivos que levaram ao “abandono” ou não ingresso na escola quando crianças.

Ao indagar os estudantes sobre o ingresso na escola, todos afirmaram que tiveram o primeiro contato com a escola ainda quando criança, mesmo que por motivos diferentes tiveram de abandoná-la precocemente. Vejamos alguns dos relatos:

Aqui no sítio tinha uma escolinha que fazia parte do município de Brejão. Eu tinha, num me recordo, uns seis anos e minha mãe matriculou-me nessa escola eu e meus irmãos, estudei até a segunda série se não me engano. (SOUZA)

Minha mãe na época aqui colocou-me na escola, estudei tinha seis anos, a metade do ano estudei na pré-escola. (ROSINHA)

Estudo sim, mais que me lembro só uns dois anos de estudos nessa época. (ROZENDO)

Frequentei sim até a quinta série lá em São Paulo. (MARIA)

Sim, estudei até os meus dez anos, parei nessa época mesmo. (CASSIA).

Estudei até o segundo ano aqui perto mesmo. (PAULO).

De acordo com os relatos, todos eles tiveram seu primeiro contato com a escola ainda na infância e nela permaneceram por dois anos ou mais, com exceção de uma das participantes que, de acordo com o seu relato, estudou até a metade do primeiro ano na pré-escola, um tempo aproximado de seis meses, apenas. Duas alunas tiveram um período mais longo na escola: uma estudou até a quinta série e a outra afirmou que estudou até os dez anos, mas não relatou em que série parou.

Ainda sobre a trajetória escolar na infância, perguntamos a cada ex-aluno o motivo que os levou a interromper seus estudos nesta época. Vejamos o que foi relatado.

Parei porque meu pai estava em São Paulo e minha mãe me tirou da escola falando que eu já sabia assinar meu nome, e me mandou ajudar uns primos meu em uma construção aqui perto no sítio e eu tinha uns oito anos e parei de estudar. (SOUZA)

Foi detectado um problema nos meus olhos e minha mãe imediatamente me tirou da escola. A minha avó na época era viva e falou que se eu continuasse na escola eu ficaria cega e minha mãe com medo me tirou da escola. (ROSINHA)

Na época minha mãe me tirou da escola porque ela estava com depressão e eu precisei ficar com ela. (CASSIA)

Meu pai resolveu vir embora de São Paulo, e parei os estudos pra viajar. (MARIA)

Meus pais tiraram a gente cedo da escola pra trabalhar na roça, e eu acho que não nasci pra estudar. (ROZENDO)

Meu pai foi morar na Bahia, e me tirou da escola e lá o acesso era longe onde fomos morar. (PAULO)

Como pode-se observar nos depoimentos, a primeira desistência da escola dos participantes aconteceu ainda na infância por diferentes motivos: trabalho, doença, cuidar de um familiar, viagem para outro Estado. Isto mostra que, possivelmente, a escolarização dos participantes não era vista como

prioridade pelos seus pais/responsáveis, uma vez que o contexto socioeconômico que estavam inseridos, certamente, não favorecia para que mantivessem seus filhos na escola.

Como afirma Oliveira (1999), os alunos da EJA, são oriundos de famílias desfavorecidas economicamente, com pais analfabetos ou com baixo nível de instrução escolar, com passagem curta e assistemática na escola e que precisam trabalhar desde cedo para ajudar manutenção financeira da família ou para ajudar nos afazeres domésticos. Como será apresentado nas falas, os ex-alunos tiveram a permissão de seus pais para deixarem a escola, mostrando que não foi uma questão de desinteresse do próprio estudante de estudar, mas uma necessidade da própria família. Vejamos os comentários dos mesmos quando perguntamos sobre a permissão dos seus pais ou responsáveis para pararem de estudar:

Minha mãe e meu pai quem me tiraram da escola, para ir ajudar uns primos na construção. (SOUZA)

Permitiu devido a meu problema dos olhos. (ROSINHA)

Permitiram sim devido a doença de minha mãe e meu pai concordou. (CASSIA)

Meu pai me tirou da escola pra se mudar para Bahia, e chegamos lá também foi difícil ir à escola. (PAULO)

Minha mãe não queria que eu parasse, mas meu pai tinha que viajar de volta e por isso concordaram. (MARIA)

A necessidade de trabalhar e/ou de viajar e acompanhar seus pais para outro Estado se mostrou um grande obstáculo para a continuidade dos estudos. Como podemos ver nos depoimentos dos ex-alunos, ao chegarem no destino, esbarravam na dificuldade em continuar estudando novamente seja pelo difícil acesso à escola ou por ter de regressar ao local de origem.

4.3 CAUSAS DAS DESISTÊNCIAS NA EJA.

Nesta categoria apresentamos os relatos dos ex-alunos sobre causas de suas desistências da EJA. E também partindo das desistências da Escola regular onde aconteceu La na infância.

Em relação às causas de evasão, começamos perguntando aos participantes quantas vezes eles já haviam desistido de estudar na EJA. Dos seis alunos entrevistados, quatro desistiram mais três vezes. Para melhor compreensão, vejamos alguns dos relatos.

Desisti umas cinco vezes desde 2010, eu acho. (SOUZA)

Na EJA desisti três vezes desde 2016. (ROSINHA)

EJA foram três vezes que desisti. (CASSIA)

Na EJA já vou abandonando cinco vezes. (ROZENDO)

Estes depoimentos nos apontam para a reincidência da evasão por parte destes ex-alunos, entretanto, de alguma forma, nos revelam a insistência destes em continuar estudando. Fica claro que, a despeito dos obstáculos encontrados para estudar desde a infância, esses sujeitos desejam/necessitam permanecer na escola, mas por vários motivos voltam a abandoná-la, na fase adulta. Talvez em função das várias responsabilidades assumidas como trabalhadores e pais, mais uma vez, são pressionados pelo próprio contexto que estão inseridos a escolher entre a escola ou a família, entre a escola ou o trabalho, ou ainda, em função da própria escola que não está preparada para atender o interesse destes alunos, compreender suas dificuldades, promover um ensino com atividades atrativas de fato a propicie a aprendizagem destes alunos. Neste sentido, Vasconcelos (2004, p.23) afirma que:

A definição curricular da escola para jovens e adultos deve valorizar conhecimentos adquiridos durante a vida, além de propiciar um envolvimento da teoria a ser estudada com a prática e vivência tão farta nessa faixa etária. Refletir sobre o mundo que o cerca, crenças, costumes, relacionando teoria e prática, desvelando relação de poder existentes.

Questionamo-los, então, sobre os motivos das várias desistências e obtivemos as seguintes respostas:

Eu ajudo meu pai aqui no sitio: vou buscar água na carroça de burro pra dar pros bichos beber, tiro ração para no fim da tarde eles comerem; e de seis e meia eu esperava o ônibus passar,

ali, na estrada e ia estudar. Mas desisti, porque é muito chato. Deve ser o costume que eu tenho de não estudar. (PAULO)

Meu marido me fez desistir para cuidar das crianças e o cansaço me dominou, dormia na aula e, às vezes, nem ouvia o que a professora falava. (ROSINHA)

Estava empolgado, mas tava com um problema na coluna e as cadeiras velhas e duras da escola parece que aumentavam as minhas dores, mas terminei desistindo. Não tive mais coragem, e na verdade tenho vontade de estudar, mas o cansaço fala mais alto. (SOUZA)

Comecei a estudar quando grávida, parei pra ter menino, quando fiquei de licença, fiquei sem vontade de estudar. Ai desisti a primeira vez. Em 2017, comecei de novo na segunda fase e desisti, pra trabalhar nessa empresa de limpeza. Em 2018, não me matriculei, me matriculei agora em 2019, mais ainda não fui nenhum dia. (MARIA)

Trabalhando na construção, chegava cansado demais e isso me fez desistir várias vezes. (ROZENDO)

Ciúmes do meu companheiro e gravidez, e cansaço. (CASSIA)

A partir das respostas, podemos ver que diferentes fatores influenciaram na desistência destes alunos, tanto internos, como externos à escola. Entre os fatores externos foram citados: o trabalho, a gravidez, a doença na família, ciúmes do companheiro. Ao observar as falas, podemos perceber algo em comum: quase todos relataram que o cansaço advindo das atividades realizadas durante o dia é o “motivo” principal de tantas desistências. A fala de Souza nos mostra isto com muita clareza: “(...) na verdade tenho vontade de estudar, mas o cansaço fala mais alto”. Porém como vimos esses alunos necessitam concluir seus estudos e os mesmos tem uma responsabilidade enorme fora dos muros da escola.

Foram também citados fatores internos à escola, como, o desgosto pelas atividades realizadas na mesma e a falta de infraestrutura desta instituição para receber alunos jovens e adultos, como explicitado pelos ex-alunos Paulo e Souza.

Neste sentido, Gomes (2007) afirma que, em sua trajetória, a escola sempre atendeu um determinado público, sendo pensada e construída para crianças e não para jovens e adultos excluídos da escola “regular”.

Oliveira (1999), discutindo sobre as especificidades do público da EJA, afirma que a condição de excluído da escola está relacionada aos fatores que levam o aluno da EJA a desistir da escola, sejam estes externos ou gerados no próprio contexto escolar. Daí que,

Os altos índices de evasão e repetência nos programas de educação de jovens e adultos indicam a falta de sintonia entre a escola e o aluno que delas se servem, embora não possamos desconsiderar os fatores de ordem socioeconômica (OLIVEIRA, 1999, p.62).

Mesmo cientes de seus motivos para desistência, estes ex-alunos trazem consigo, de alguma forma, o peso da saída da escola por isso sentem-se arrependidos e culpados. Vejamos alguns dos seus relatos:

Arrependo-me demais, queria não ter cansaço para continuar. (SOUZA).

Cada desistência um arrependimento. (ROSINHA).

Demais, e como eu queria voltar atrás. (CASSIA).

Arrependo-me, porque é muito ruim quando não se sabe ler e nem escrever. (ROZENDO).

Discutindo sobre os motivos da evasão, Santos (2003 apud CAVALCANTE, 2017) defende que apesar da atitude de autocalpalização destes alunos pela interrupção dos estudos, este é um fenômeno provocado pelo próprio sistema educacional e pela estrutura social que este está inserido.

Na sequência das perguntas, indagamos os participantes sobre que motivos fizeram retornar à escola, tantas vezes. Vejamos algumas respostas:

Aprender a ler bem e terminar os estudos, sei que ainda termino. (SOUZA).

Vontade de aprender mais, terminar meus estudos, que parei na infância. (ROSINHA).

Retornei pra tentar terminar meus estudos. (CASSIA).

Pra concluir meus estudos e arrumar um bom serviço. (PAULO).

Só sei fazer meu nome e preciso aprender a ler e escrever de verdade. (ROZENDO).

Para acompanhar esse mundo moderno e concluir meus estudos para crescer na vida. (MARIA).

Percebemos que todos os participantes ao retornarem à escola tinham vários objetivos: terminar seus estudos, aprender a ler e a escrever melhor, ter trabalho melhor.

Alguns deles, quando indagados, nos relataram seus sonhos: como o pedreiro que tem o grande sonho de ser engenheiro; a dona de casa que sonha em terminar os estudos e mostrar as pessoas que a conhece que ela é capaz de vencer com seus estudos; a desempregada que quer ser professora.

Estes relatos deixam evidente que estes alunos buscam a escola porque tem seus projetos de vida e já são conscientes que sem escolarização será bem mais difícil conseguir para concretizá-los. Eles já se dão conta da situação de vulnerabilidade social que eles vivenciam no seu cotidiano e que, de alguma forma, a escola pode contribuir para superá-la. Daí, que a escola pode buscar alternativas que viabilizem a permanência destes jovens e adultos, pois isto significa reconhecer seu direito à educação, que lhes foi negado até agora, e possibilitar-lhes uma oportunidade de construírem uma nova trajetória de vida.

Não defendemos aqui uma educação “redentora”, capaz de sozinha propiciar uma total mudança da realidade social destes ex-alunos, mas reconhecemos a importância da escola para que isto aconteça.

4.4 RELAÇÃO DO EX-ALUNO COM A ESCOLA LOCAL.

Nesta categoria, abordamos sobre interação entre o ex-aluno e os membros da escola, que foi o campo desta pesquisa.

Os ex-alunos participantes da pesquisa relataram ter um bom relacionamento com a Escola e seus membros e colegas de turma. Quando indagados, eles nos deram as seguintes respostas:

Minha relação com a escola foi sempre boa, com todos, e com o diretor era bem mais. (SOUZA)

Nossa foi sempre um amor, e todos sempre davam uma atenção pra mim. (ROSINHA)

Boa a relação, me dava bem com todos e com o diretor, era bem mais próxima. (CASSIA)

Lá, na EJA, à noite, era muito bom. Eu era amigo de todos lá e tive boa relação com todos. (PAULO)

Era boa a minha convivência com todos, mesmo desistindo cedo sem conhecer a fundo todos. Era boa a relação com a turma e os demais da escola. (ROZENDO)

Era normal, sem nenhum problema, até porque nós que ingressamos na EJA estamos no mesmo barco. (MARIA)

É importante que os alunos tenham uma boa interação com a escola, pois fica mais fácil para a gestão propor e implementar mais ações que envolvam esses estudantes. Neste contexto de evasão, esta relação se torna muito importante no sentido que a escola pode contribuir para que alunos da EJA acreditem em seu potencial, incentivando-os a continuarem frequentando as aulas.

Perguntamos, ainda, aos participantes se sentiam acolhidos pela Escola, e vejamos o que eles falaram:

Sim, acolhido e respeitado, todos respeitavam minha condição de aluno da EJA. (SOUZA)

Sim totalmente acolhida e fiz bastante amizades, e o respeito de todos me acolhia muito. (ROSINHA)

Demais e quando a gente está em um ambiente que se sente respeitada e valorizada, se sente acolhida. (CASSIA)

Era sim, eu sempre fui bem recebido lá e por isso me sentia muito acolhido e valorizado também. Apesar de faltar muito. (PAULO)

Acolhido demais, todos sabia que eu era ruim na leitura e me ajudavam e sou grato a todos. (ROZENDO)

Sim, bem acolhida por todos independente de quem era se funcionários, professores ou colegas de turma. (MARIA)

Mais uma vez, fica muito claro que todos tinham uma boa relação com a Escola, ou seja, com todos os membros: diretor, professores, funcionários e colegas de turma. Alguns dos participantes além de sentirem-se acolhidos, eles também se sentiam respeitados e valorizados.

Salientamos que a escola tem o papel fundamental na valorização desses alunos já que eles trazem vivências e conhecimentos, que são

desvalorizados socialmente por serem advindos da prática pessoal e não de uma escolarização reconhecida; que vão à escola após uma dura jornada de trabalho. Para Freire:

Saber ouvir o aluno é respeitar e valorizar a sua história, seus conhecimentos de mundo que traz consigo em sua bagagem cultural, e discutir com eles a razão desses saberes em relação aos conteúdos ensinados. É ter humildade frente às diferenças e incompletudes dos alunos, seres em constante aprendizagem. É ter humildade para aceitar e saber dialogar com aquele que fala/ou escreve de uma maneira diferente das normas padrões da gramática. Ao reconhecer tudo isso a Escola está valorizando o seu saber cotidiano. (FREIRE 2003, pag. 137-139).

Indagamos aos entrevistados se, de alguma forma, a Escola tinha influenciado na sua desistência da EJA e eles nos comentaram sobre a difícil conciliação entre escola e trabalho.

Diretamente não, mas se a escola olhasse mais para meu cansaço, com certeza ajudaria eu terminar os estudos. (SOUZA)

Não influenciou, as vezes que parei foi por motivos pessoais e jamais a escola teve culpa. (ROSINHA)

Fui tão valorizada na escola que ainda tenho esperanças de voltar e concluir meus estudos. (CASSIA)

A escola não, mas algumas matérias faziam a aula ficar chatas, e eu ficava chateado, mas mesmo assim, não foi o motivo de desistir. (PAULO)

Não, porque a noite é o único horário que facilita a gente estudar, e por isso não influenciou. (ROZENDO)

Não a escola não, foi a minha realidade, minha falta de tempo em conciliar trabalho e estudo, mas a escola não. (MARIA)

Fica evidente que, de alguma forma, a Escola influenciou na desistência desses alunos, direta ou indiretamente, quando se mantém dentro de “moldes” que não possibilitam a continuidade dos estudos dos alunos da EJA. Um bom planejamento por parte dos membros da escola poderia ajudar e muito na permanência desses sujeitos, bem como implementar ações que estimulassem a permanência destes estudantes, como a merenda, a

adequação do horário, visitas aos alunos quando estes se ausentarem por um determinado período da escola.

Salienta-se, neste sentido que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, (Artigo 37, Inciso 2º), que cabe ao poder público viabilizar a permanência do aluno trabalhado mediante ações integradas e complementares.

Perguntamos, ainda, aos entrevistados se a Escola (na pessoa do professor, coordenador ou funcionário) tinha realizado alguma intervenção para evitar sua desistência ou fazê-lo retornar a mesma.

O coordenador veio aqui em casa uma vez me chamar pra fazer um serviço na escola, e nessa ocasião ele tentou me convencer a voltar, mais os outros não. (SOUZA)

Nas primeiras desistências não. Nessa última veio o coordenador e a minha ex-professora, falar comigo pra mim voltar. (ROSINHA)

Por eu ter uma aproximação com o diretor, ele veio na minha casa várias vezes, tentando me convencer a voltar pra escola. (CASSIA)

Veio a professora falar com a minha mãe. Disse que eu era novo e precisava terminar os estudos, ela convenceu minha mãe, mas eu ainda não. (PAULO)

Não nenhum deles veio falar não, talvez foi porque eles sabiam da minha luta. Só a professora. Um dia encontrei e ela pediu pra mim voltar, mas os outros da escola nunca vieram, não. (ROZENDO)

Não vieram, até porque eles sabiam das minhas dificuldades com meu trabalho. Talvez por isso não vieram falar comigo. (MARIA)

Os ex-alunos mostraram que de alguma forma a Escola buscou intervir no sentido de reverter a desistência, no momento em que os procurou para saber os motivos de suas desistências e até convencê-los a retornar para a Escola. Essa ação isoladamente da Escola não se mostrou eficiente no convencimento desses sujeitos no retorno para dar continuidade a seus estudos. Isto nos comprova que a redução do índice de evasão da EJA passa como afirma a LDB, pela implementação de várias ações integradas, que integrem escola, secretaria de educação e demais instituições que possam

contribuir neste sentido. Com tal afirmação, não eximimos a escola de tal responsabilidade, uma vez que ela deve ser a mais interessada em manter seus alunos.

Podemos perceber, ainda, que em alguns casos a Escola se mostrou omissa na evasão dos ex-alunos quando não fez contato com os mesmos, supostamente, como afirmado pelos próprios alunos, por seus membros (professor, coordenador, diretor) já saberem o motivo da evasão (o trabalho, “a luta”). Fica implícito nesta omissão, que Escola parece encarar com normalidade a evasão destes ex-alunos e por isso atribui a estes apenas a resolução das dificuldades de permanência na escola.

As falas demonstram que a escola para esses indivíduos tem um papel significativo em suas vidas e que é através dela que terão uma melhoria de vida, tanto na questão profissional, quanto pessoal. O aprendizado da leitura e escrita é primordial porque acreditam que é por meio desta prática que terão um crescimento intelectual e uma maior autonomia na vida social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo trouxe uma discussão sobre o tema evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos no município de Garanhuns. Esta nos oportunizou compreender que a referida modalidade de ensino atende a sujeitos que não tiveram oportunidade de estudar no tempo regular e/ou que deixaram e deixam de frequentar a escola por diferentes razões em diferentes fases da vida (infância, juventude e adulta).

A partir dos objetivos específicos traçados para esta pesquisa, fomos possível concluir que:

- a) O aluno desistente da EJA é alguém que é trabalhador, tem uma família e por isso assume as responsabilidades de uma pessoa na fase adulta da vida e que hoje desejam retornar os estudos em busca da realização de um sonho ou da melhoria de sua vida e de seus familiares.
- b) Suas histórias de vida escolar são marcadas pela exclusão. Quando pequenos, estes ex-alunos tiveram oportunidade de ingressar na

escola, mas foi negado o direito de permanecer estudando e, logo cedo, eles tiveram de abandoná-la por diferentes razões, relacionados à família e à própria sobrevivência. Todos sempre mantiveram o desejo de retomar os estudos e se sentem culpados por não conseguirem.

- c) Na EJA, a tentativa de retorno à escola são muitas, pois os ex-alunos acreditam que ao concluir os estudos podem alcançar melhorias em sua profissional e “acompanhar este mundo moderno” como bem explicou um dos participantes. Porém, apesar dessas tentativas, estes ex-alunos não tem conseguido permanecer na escola em virtude, principalmente, da dura rotina de trabalho que lhes leva a exaustão, impossibilitando a conciliação entre o trabalho e a escola.
- d) A escola local tem implementado algumas ações no sentido de manter seus alunos e mantém um clima acolhedor, segundo os participantes. Porém tais ações se mostraram pouco efetivas no sentido de evitar que esses ex-alunos evadissem novamente.

Compreendemos que para o aluno jovem ou adulto, a decisão de retomar os estudos, ou até mesmo de iniciá-lo, requer um planejamento de sua vida, por ser principalmente um aluno-trabalhador, como podemos constatar no estudo. Compreendemos, ainda, que para esses ex-alunos não continuarem desistindo reincidentemente, as condições de ensino e aprendizagem necessitam ser garantidas, assim como a escola precisa ser uma grande motivadora e assegurar a esses alunos uma perspectiva de conquista de suas expectativas, no caso, a conclusão de seus estudos.

Resgatar e manter esses estudantes na instituição até que finalize seus estudos formais é um dever da escola e do sistema educacional (afinal, educação é um direito constitucional!) e também uma ação desafiadora, que infelizmente essas instituições ainda não acordaram para cumpri-la.

Salientamos que é preciso propiciar aos alunos da EJA um tratamento didático-pedagógico e materiais didáticos que atendam suas expectativas e necessidades de aprendizagem e, além disso, os mesmos precisam de atenção diferenciada para que se sintam motivados a estudar e a permanecer na escola. Como vimos os estudantes pesquisados possuem uma

rotina pesada com o trabalho, cuidados com a família, com a casa e muito mais, por isso a necessidade de estratégias da unidade de ensino investigada para atingir o interesse destes estudantes, investindo fortemente em ações que os motivem.

Esperamos com isso, que este estudo traga novas reflexões sobre causas que levam a evasão na EJA e possibilitem uma (re) construção do olhar sobre os alunos desistentes da EJA, no sentido de superar a visão predominante de alguém descompromissado e sem objetivo próprio. O que vemos, mais uma vez, é a marca da exclusão na vida desses jovens e adultos que tentam retornar seus estudos, mas são impossibilitados de permanecer ao terem de “optar” (mais uma vez) pela sua sobrevivência e de sua família.

6 REFERÊNCIAS

ARROYO, M. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. *In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasil: UNESCO, MEC, RAAB, 2007, p. 223.

_____. Educação de Jovens e Adultos: Um campo de direitos e de responsabilidade pública. In. SOARES, L. GIOVANETTI, M. A. & GOMES, N. L. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ANDRÉ, M.E.D.A. de Etnografia da Prática Escolar. Campinas: Papirus, 1995.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa Portugal: Edições 70, LDA, 1977.

BRASIL, LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Nº 9.394/96.

BRASIL, PNE- Plano Nacional de Educação. Lei Nº 8.035-B/2010.

BRASIL, CEE- Resolução Estadual da Educação. Anexo II, Título IV/2001.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Língua Portuguesa** – 3. Ed.- Brasília, 2001.

CAMPOS, E. F. **A infrequência dos alunos trabalhadores, em processo de alfabetização**. Belo Horizonte MG: UFMG, 2003. 147. Dissertação.

CAVALCANTE, M. J. **Práticas de leitura na Educação de jovens e adultos: da vida para a escola e da escola para vida**. Tese (Doutorado Programa

Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFPE. Recife, 2017.

FONSECA, M. da C. **Educação Matemática de Jovens e adultos: especificações, desafios e contribuições.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, P. **A educação na cidade.** São Paulo. Cortez editora. 2003.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire.** Uma bibliografia. São Paulo. Cortez: instituto Paulo freire 1999,p 69 a 115.

GALVÃO, A. M. & SOARES, L. J. G. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, E.B. C. & LEAL, T. F. (Org.). **A alfabetização de jovens e adultos numa perspectiva do letramento.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, pp. 27-58.

GOMES, M. J. **Profissionais fazendo a matemática: o conhecimento de números decimais da educação de jovens e adultos.** Recife, 2007, p. 204. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE.

HADDAD. S. e DI PIERRO M. C. de. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação: ANPED.** São Paulo, 2000.

IRELAND, T. **Revista nova Escola.** Ed. 223, junho/2009.

JEZINE, E. **Universidade e saber popular: o sonho possível.** João Pessoa. UFPB/PPGE. Editora universitária. 2003, p. 157.

MANZINI, E. J. A. **A entrevista na pesquisa social.** Didática Ed. São Paulo. P. 149-158, 2003.

OLIVEIRA, P. C. S. **Evasão escolar de alunos trabalhadores na EJA.** 2012, p. 05. Disponível em: <http://WWW.senept.confetmg.br/galerias/arquivos.pdf>. Acesso em julho de 2019

OLIVEIRA, M. K. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** São Paulo. Revista Brasileira de Educação, n 12, p. 59-73, set 1999.

PERRENOUD, P. **Da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artmed, p. 1831999.

SANTOS M. L. L. **Educação de Jovens e Adultos.** Marcas da violência na produção poética. Passo Fundo. UPF, 2003.

VASCONCELOS, C. dos S. **Disciplina: constituição da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 15° Ed. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

